

## Projeto Rondon Ações, Emoções e Críticas

**Francisco Carlos Martins**

Universidade Severino Sombra  
framart@ig.com.br

**Margareth Fernandes**

Universidade Severino Sombra  
fernandes.meg@gmail.com

**Resumo:** *Este artigo relata as reações no campo emocional que decorreram das ações de docentes e discentes da Universidade Severino Sombra, Vassouras/RJ., em 2007, na Operação Centenário do Projeto Rondon, no município de Itaubal, Amapá. Insere, também, críticas a falta de políticas públicas relacionadas a ascensão social e preservação ambiental na região. Trata-se de um relato das emoções geradas pelas características da viagem e pelas relações interpessoais decorrentes da mesma e agrega as críticas oriundas da observação do cenário socioambiental. Portanto, não há, na descrição uma preocupação maior com os rigores acadêmico-científicos, mas, sobretudo, um compromisso com a abrangência e imprevisibilidade das emoções geradas nas relações humanas.*

**Palavras-Chave:** *Projeto Rondon. Emoções. Crítica Socioambiental.*

## Rondon Project Actions, Emotions and Criticisms

**Abstract:** *This article reports the reactions in the emotional field that result from the actions of teachers and students at the Severino Sombra University, Vassouras / RJ. In 2007 in Centennial Operation Rondon Project, in the municipality of Itaubal, Amapá. Inserts also criticals the lack public policies related to social advancement and environmental preservation in the region. It is an account of the emotions generated by the characteristics of the journey and the interpersonal relations arising from it and adds the criticism coming from the observation of social and environmental scenario. So, there is no in describing a major concern with the academic and scientific rigor, but above all a commitment to breadth and unpredictability of emotions generated in human relations.*

**Keywords:** *Rondon Project. Emotions. Social and Environmental Critique.*

## **Introdução**

Quando relatamos as ações referentes ao conjunto B da Operação Centenário, realizada no município de Itaubal, no Amapá de 08 a 24 de julho de 2007, por docentes e discentes da Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, no artigo intitulado Projeto Rondon Operação Centenário Itaubal/AP 2007 (Martins 2011), dissemos que “vivenciar uma operação do Projeto Rondon é uma aventura, uma grande aprendizagem interdisciplinar e, sobretudo uma lição de vida”. Naquela ocasião descrevemos as ações e um pouco do que sentimos realizando-as. Porém, neste novo enfoque damos ênfase aos sentimentos descrevendo as emoções daquela experiência.

Quando falamos de emoções, referimo-nos a sensações subjetivas que ocorrem em resposta a um fator estimulante externo. Assim, qualquer pessoa já terá experimentado sensação de amor, raiva, medo ou frustração, reconhecendo-as como pertencentes a uma classe comum de fenômenos racionais (Marino Junior, 1975).

Na criticidade a que estão expostos os trabalhos acadêmicos, sabemos que poderá haver a aproximação deste relato com o gênero ensaio ao invés de classificá-lo como artigo. Isto pela linguagem que optamos adotar, com o intuito de retratar com mais fidelidade o que se passou nos bastidores de uma operação muito bem planejada e, portanto, de certa forma, rígida quanto a previsibilidade. No entanto as reações humanas não são totalmente previsíveis, haja vista as disfunções causadas por ela na Teoria Burocrática de Weber.

Era um momento especial para os organizadores do Projeto Rondon, pois marcava a comemoração dos cem anos do início dos trabalhos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas que tinha a frente o major Rondon. E, portanto, cercada de um toque especial de organização e importância. Esse clima contagiou a equipe, que percebeu uma energia diferenciada, pois fazíamos parte de uma operação histórica e, portanto, marcante.

Partimos da cidade de Vassouras para uma viagem onde tínhamos na bagagem uma série de ações para realizar, mas não imaginávamos que viveríamos intensas emoções e traríamos conosco muitas histórias para contar e lições para guardar por toda a nossa vida.

A intensidade de emoção no embarque, ao despedir-se de amigos e familiares marca um instante literalmente de um voo para o desconhecido. Os abraços, as lágrimas, ficam como a imagem inicial desse momento que continuará forte na lembrança por toda a vida. Apesar de todas as informações colhidas anteriormente a viagem, ela, com certeza, será marcada por imprevistos e surpresas que a tornarão muito mais interessante e desafiadora (Martins 2011).

Segundo Marino Junior (1975), “o medo é uma experiência desagradável, acompanhada de fuga”. Porém não é só isto, o medo pode também gerar uma situação de enfrentamento e foi desta maneira conosco.

O ônibus da Universidade já ligara os motores, era chegada a hora de ir embora. A

minha esposa e meu irmão, que viera dirigindo o carro para deixar-me em Vassouras, me abraçaram e meus olhos lacrimejaram, sabia que a saudade iria doer. Quando olhei em volta, vi que não estava sozinho, as lágrimas da despedida faziam parte de todo o cenário. “A experiência emocional faz com que o homem ou animal não somente aja emocionalmente, mas sintam-se emocionado” (Marino Junior 1975).

Seriam quinze dias distante das pessoas que víamos todos os dias. Da janela do ônibus no aceno a certeza de que teríamos um grande desafio: superar a solidão. Como é possível sentir solidão mesmo junto de outras pessoas? Sim, é possível, pois nos afastamos daquelas pessoas que nos completam. Tentamos compensar na convivência alegre, nas várias formas que encontramos para preencher o tempo, mas sempre haverá um momento para o inevitável encontro com a saudade e um mergulho na dor do isolamento. A “solidão – trata-se da emoção forte que aparece quando um forte impulso para sociabilizar-se é frustrado. O comportamento é de tristeza, desassossego e agitação” (Marino Junior 1975).

A cidade do Rio de Janeiro não era novidade para nenhum de nós, mas o aeroporto sim. Estávamos ali para o embarque e orientados por uma tenente do exército fizemos o “check in”. Depois liberados desse compromisso, subimos todos como crianças e adolescentes barulhentos para o saguão de onde poderíamos avistar as pistas e os aviões estacionados. Como turistas tiramos fotos, ríamos e sentimos aquele frio na barriga pelo inesperado.

Daqui a pouco já estávamos acomodados na aeronave, na expectativa da decolagem, muitos de nós (passageiros de primeira viagem), disfarçamos certo medo (incluo-me). Pronto; o Rio de Janeiro foi se distanciando, até dar lugar a visão das nuvens. Mais um pouco e Brasília começou a surgir em nossas escotilhas. Veio a primeira sensação de pouso, de novo em terra firme (alívio).

Fomos levados a uma base aérea, e lá um ônibus nos esperava, então passamos a condição de “rondonturistas”, num rápido itinerário pelos principais pontos da capital brasileira. Foi um momento inesquecível ver de perto a arquitetura impar de Brasília. Pela janela do ônibus as máquinas fotográficas trabalharam sem parar.

Voltamos a base para sermos levados ao aeroporto para mais uma etapa do percurso, agora rumo a Belém/PA. Mais uma vez no avião, agora mais relaxados, afinal já estávamos nos considerando veteranos em vôos, até sabíamos colocar o cinto sem problemas. No entanto, mais tarde, ao nos aproximarmos de Belém, na escuridão da noite os raios de uma tempestade vieram nos tirar a segurança. Um pouco de turbulência e muito de adrenalina foram um composto de apreensão e terror, visível no rosto de cada um.

Uma escala rápida e seguimos para Macapá. Tivemos uma recepção magnífica no 34º Batalhão de Infantaria de Selva. Algo nos chamou a atenção: era um lugar que imaginávamos ser de pessoas rudes, e ao entrar nos nossos alojamentos nos deparamos com um sinal de uma sutil sensibilidade, sobre as camas bombons de cupuaçu. Algo, porém se mostrou bem na característica militar, na hora de dormir, a separação meninos para um lado, meninas para outro. Assim, nossa equipe ficou separada pela primeira vez.

No dia seguinte, conhecemos o tenente Braga e o sargento Célio, responsáveis pela nossa segurança, eles iriam nos acompanhar ida e volta a Itaubal. Logo no primeiro instante tivemos a impressão que os conhecíamos há muito tempo, tal a fluidez do relacionamento que se desenvolveu.

Naquele dia ensolarado nos convidaram a ir até o clube dos militares. Como veio a calhar tomar um banho de piscina e testar nosso condicionamento físico numa partida de futebol e de vôlei de areia (o outro dia nos mostrou as conseqüências). As meninas se divertiram com a nossa falta de jeito no vôlei, sacadas e cortadas inusitadas, que até poderiam se tornar novos fundamentos nesse esporte. A noite foi chegando e os primeiros raios da saudade começaram a chegar ao coração de cada um de nós. Os celulares começaram a sua função de mitigar nossa solidão. Aproveitem! Alertaram-nos, pois quando formos para Itaúbal, será torcer para os telefones comunitários funcionarem.

Ao cair da noite nos levaram para um jantar no clube militar, que antecederia a nossa saída na manhã bem cedo para o nosso “teatro de ações e emoções”. O local fora preparado para nos dar uma recepção festiva, bolas coloridas, música ao vivo e lá estavam os militares e suas famílias, portanto, um ambiente muito aconchegante. Mas, ao vê-los com seus familiares, confesso que houve uma pontinha de inveja e a inevitável recaída da saudade.

### **No Teatro de Operações**

O sol mal despontava e fomos acordados para o café da manhã, ao mesmo tempo nossa bagagem era levada para o ônibus. A estrada seria longa, não havia tempo a perder. Saindo do quartel uma parada rápida em um pequeno mercado para suprimentos básicos, água e biscoitos.

Na minha imaginação e acredito de muitos de nós, iríamos trafegar por uma rodovia em meio a mata densa. Mas, o que se descortinou ao deixarmos Macapá e até nosso destino, foi uma paisagem de campos de arroz e criação de búfalos. Onde estava a floresta? Lá, bem distante, tão longe que quase nossa visão não conseguia alcançar.

Ali começava a constatação de que a floresta estava se distanciando das pessoas, ela que fora e seria a base de sustentação das comunidades, que deveriam subsistir do manejo sustentável, mantendo-se dignamente e preservando seus valores histórico-culturais.

Na estrada, cruzamos com caminhões que transportavam pessoas e cargas, rumo a Macapá. Banco de tábuas na carroceria e nenhuma proteção do sol ou chuva eram assim que viajavam, entre sacos de farinha, porcos e galinhas. Lembra os “paus-de-arara” que na década de 60 transportavam os nordestinos rumo ao Sudeste. Fizemos uma primeira parada num entroncamento da estrada, aonde pudemos ver mais de perto aquela realidade do transporte precário a que a população tinha que recorrer. Era um pequeno bar, com sanitários em péssimas condições.

Ao nos aproximarmos de Itaúbal, algumas palafitas dispersas compunham o quadro que de certa forma para nós era o prenúncio do que encontraríamos na região. Chegamos, fomos direto a prefeitura, fomos recebidos pelo chefe de gabinete que nos recebeu com simpatia, porém sem muita cerimônia e nos encaminhou para o local onde seria nosso alojamento, para isto destacou um funcionário para nos acompanhar.

Ao chegarmos ao local, nos deparamos com alguns problemas: era um salão cercado por tábuas colocadas com certa distância uma das outras, criando espaços abertos, o que não dava nenhuma segurança nem privacidade. As instalações sanitárias e de banho eram

precárias (e ainda não tínhamos visto os sanitários da maioria das casas). Percebi no olhar de todos a preocupação com as condições nos apresentada para alojamento. Num consenso entre os coordenadores das equipes e os militares que nos acompanhavam, voltamos a prefeitura e expomos a situação, então nos destinaram a uma escola onde as condições eram boas.

Enquanto esperávamos pela solução, fomos rodeados por um grupo de crianças curiosas por saberem quem eram aquelas pessoas diferentes no jeito de falar e até mesmo no tipo físico. Elas tinham traços marcantes de descendência indígena, pele morena e cabelos lisos, mas fomos alertados a não comentar estas semelhanças, pois eles não gostavam desta comparação.

A tarde já corria e como não havia tempo para providenciar um almoço com as merendeiras da escola, fomos a casa de uma senhora que servia refeições, obviamente ela não esperava tanta gente e teve que improvisar. Tomamos nosso primeiro suco de açaí, que descobrimos que teria que ser em temperatura ambiente, e detalhe a temperatura ambiente era acima de 38 graus.

Depois andamos um pouco pela sede do município, ruas bem amplas, algumas com asfalto e a maioria de terra batida. Residem ali cerca de quatrocentas pessoas, os demais habitam comunidades ribeirinhas, cujo acesso se faz por barcos de médio porte e pequenos barcos chamados de “voadoras”. Não foi preciso mais que aquelas horas para traçarmos um primeiro perfil da cidade e de sua população. Este perfil foi sendo ampliado no contato diário com as pessoas. Não foi realizada nenhuma pesquisa estruturada, mas informalmente coletamos as informações que utilizamos para replanejar ações e trazer conosco como experiência de vida.

Durante a semana, na cidade e comunidades ribeirinhas, ficam as mulheres, crianças, idosos e alguns jovens, os homens casados e solteiros vão trabalhar na capital. A prefeitura oferece poucos empregos, pois ela mantém um escritório em Macapá e terceiriza serviços naquela capital. Sazonalmente existe o emprego de mão-de-obra na colheita e plantio do arroz. A grande perspectiva e sonho dos jovens é ingressarem no Exército e se tornarem soldados efetivos, é para eles uma forma de ter um “emprego fixo” e salário garantido.

As grandes glebas de terras estão nas mãos de latifundiários que derrubaram a floresta para a agricultura do arroz e criação de búfalos, uma prática que esgota o solo e assoreia os cursos d’água e que mandou para longe uma alternativa de sobrevivência sustentável das famílias locais.

Agora, o que resta para pequenos proprietários são o cultivo da mandioca e a pequena criação de galinhas e porcos que circulam livremente pelas “casas de farinha”, comendo os restos do vegetal que fica pelo chão (algo que os órgãos de vigilância sanitária condenariam de pronto). Nas “casas de farinha” eles preparam e torram a farinha de mandioca e extraem também o tucupí, que é um óleo obtido pela prensagem da mandioca de forma lenta e gradual, por vários dias, com a utilização de um instrumento rústico de madeira, que segundo nos informaram vem da prática dos índios.

Uma vez por semana viajam nos caminhões que descrevemos anteriormente para venderem seus produtos nas feiras de Macapá. Pareceu-nos que o peixe não é abundante, tanto que só comemos uma refeição com peixes que foram encomendados por uma vereadora local.

O que ficou claro é que não houve e nem havia qualquer informação ou ação para as questões ambientais. Tanto que a árvore que originou o nome da cidade, estava extinta na região. Pés de açaí sobreviviam pelos quintais, mas a floresta estava longe, ou entrecortada por plantações de mandioca, arroz e criação de búfalos.

Outro fato que nos chamou atenção foi a forma de comercialização da carne de porco ou de búfalo, “in natura”, sem qualquer refrigeração e exposta nas varandas das casas. A refrigeração não era possível pela precariedade da energia elétrica que chegava ao local o que não permitia o uso de alguns eletrodomésticos.

Ao percorrermos a cidade e ao visitarmos as residências entendemos o porquê da preocupação dos militares em que não consumíssemos a água que nos oferecessem e recomendara que tivéssemos sempre o hábito de levar nossa própria água nas mochilas. O sanitário era instalado no quintal da casa, tratava-se de uma pequena construção de tábuas sobre um buraco no chão onde as fezes ficavam depositadas expostas. Quando a capacidade se esgotava a privada mudava de lugar no quintal. O detalhe é que neste mesmo terreno e a poucos metros do sanitário havia um poço para captação de água. Essa relação óbvia de contaminação não era percebida pelas pessoas. Como não havia um programa da prefeitura para esta e outras questões importantes envolvendo saúde e ambiente, as ações que realizamos para conscientização não surtiram efeito.

A história dos sistemas de esgotamento sanitário e pluvial tem registros que remontam a 3.000 a.C, mas a evolução, para próximo do que conhecemos hoje, se dá a partir do século XVI.

Sítios escavados em Mohenjo-Daro, no vale da Índia, e em Harappa, no Punjab, indicam a existência de ruas alinhadas, pavimentadas e drenadas com esgotos canalizados em galerias subterrâneas de tijolos argamassados a, pelo menos 50 centímetros abaixo do nível da rua. Nas residências constatou-se a existência de banheiros com esgotos canalizados em manilhas cerâmicas rejuntadas com gesso. Isto a mais de 3000 a. C. No Egito, no médio Império (2100-1700 a. C.), em Kahum, em uma cidade arquitetonicamente planejada construíram nas partes centrais, galerias em pedras de mármore para drenagem urbana de águas superficiais, assim como em Tel-el-Amarna, onde até algumas moradias mais modestas dispunham de banheiros. Em Tróia regulamentava-se o destino dos dejetos, sendo que a cidade contava com um desenvolvido sistema de esgoto. E Knossos, em Creta, a mais de 1000 a. C., contava com excelentes instalações hidro-sanitárias, notadamente nos palácios e edifícios reais.

A sistemática de carreamento de refugos e dejetos domésticos com o uso da água, embora fosse conhecida desde o século XVI, quando John Harrington instalou a primeira latrina no palácio da Rainha Isabel, sua disseminação só veio a partir de 1778, quando Joseph Bramah inventou a bacia sanitária com descarga hídrica, inicialmente empregada em hospitais e moradias nobres (Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, 2011).

Lamentável é que constatamos que civilizações antigas já tinham sistemas de esgotamento sanitário, mais avançados do que aqueles que vimos. Além do mais, o vaso sanitário com descarga hídrica com sifão tem mais de 200 anos, no entanto, ainda temos práticas sanitárias em nosso país que são mais precárias do que aquelas encontradas nos sítios arqueológicos de 3.000 anos antes de Cristo. Mais lamentável ainda, é o descaso das autoridades com questões socioambientais que são cruciais para melhorar a qualidade de vida das pessoas, dando a elas mais saúde e oportunidades de ascensão social.

### **As Emoções Finais e o Retorno**

Os dias foram passando, a saudade machucando a gente e os dias ensolarados e quentes nos esgotando. As noites longas, os mosquitos como companhia insistente.

O contato diário foi nos aproximando da população e fazendo com que as ações fossem assimiladas.

Terminada nossa missão, retornamos a Macapá deixando para trás algumas sementes plantadas e levando conosco uma imagem real do que são as desigualdades desse país, os contrastes que foram moldados histórica e culturalmente e as injustiças e descasos calcados no interesse político de se manter algum tipo de “status quo”, visando a hegemonia do poder.

Agora estávamos voando de volta, desta vez numa aeronave da Força Aérea Brasileira - FAB. Fizemos um roteiro diferente com uma escala apenas em Belo Horizonte/MG. Para abastecimento e depois direto ao Rio de Janeiro.

O grito “selva” (brado de guerra dos militares de selva do norte), ainda ecoava nos nossos ouvidos e nos fazia refletir o quanto é necessário realizar para dar mais dignidade e perspectivas aquele povo e frear o avanço dos inconseqüentes sobre a floresta recompondo-a em sua excelência, respeitando sua importância no processo de reinserção das comunidades ao seu meio sustentável de subsistência.

Chegamos, não mais as mesmas pessoas.

## **Referências**

- Marino Junior, Raul. Fisiologia das emoções: introdução: à neurologia do comportamento, anatomia e funções do sistema límbico. São Paulo. SARVIER.1975.
- Martins, F. C. (2011) Projeto Rondon Operação Centenário Itaubal/AP 2007. Revista Fluminense de Extensão Universitária. Vassouras, v1, n1 p. 69-82. 2011.
- Universidade Federal de Campina Grande–UFCG. Evolução dos Sistemas de Esgotamento. Disponível em [www.dec.ufcg.edu.br/saneamento/História.html](http://www.dec.ufcg.edu.br/saneamento/História.html), acessado em 08 de outubro de 2011.